



**MARIA
OU
KINDA?**

O uso de nomes africanos não é simples modismo. O livro e o filme Roots (raízes negras) mostram que todos que quiseram manter o nome de origem foram torturados até aceitar o nome cristão imposto pelo dono.
Pag. 4



Parlamentar negro, uma ferramenta a serviço da comunidade
Pag. 3

Nessas semelhanças: lá como aqui experimentamos a mesma dominação
Pag. 4



As terras dessa comunidade negra estão sendo roubadas
Pag. 6

Em Ribeirão Preto: mutirão para construir a sede de sua entidade.
Pag. 7



EDITORIAL

Para que a comunidade fosse esclarecida sobre o que pensam, o que pretendem e o que podem fazer nossos políticos a Feabesp promoveu, no mês de agosto passado, uma reunião com parlamentares e candidatos negros. Nesta reunião estava presente dona Nair Vasconcelos, que em seu depoimen-

to sintetiza alguns pontos que deverão orientar nossa luta.

Nair de Vasconcelos se apresentou como representante de Oscarlino Marçal, «sou uma velha ex-professora primária, mãe-de-santo da nação Xambá e considero que o problema básico do negro é de conscientização e politização. O negro precisa voltar com urgência às suas origens

porque uma das nossas grandes falhas é esse fascínio pela branquificação. Quanto à libertação Econômica do negro é claro que este grupo que ganhou de esmola uma falsa libertação, um grupo que 90 anos depois disso ainda não se conscientizou da necessidade de tomar uma posição e na falta de posicionamento continua sendo usado. Daqui pra frente devemos cerrar filei-

ras, sem ódio, em torno de nossos candidatos e não entrar mais nessa política errada que sempre entramos porque nas ruas da minha terra—eu sou carioca—quem samba dopado na avenida até pôr sangue pela boca são os crioulos e as criolas. Na hora de pegar os troféus tem sempre um cartola branco. No futebol e em todos os campos em que o negro faz o destaque é a mesma coisa».

SBPC DISCUTE RAÇA

Há algum tempo a questão racial brasileira vem sendo discutida nas reuniões anuais da SBPC-Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, na forma de apresentação de trabalhos e estudos. A SBPC é uma entidade que agrupa cientistas, pesquisadores e estudantes de todos os ramos do conhecimento e que, uma vez por ano, se reúne para a exposição de suas pesquisas e trocas de informações e nesse ano em que se comemorou o 30º aniversário dessa sociedade científica, São Paulo foi escolhida como sede.

Os trabalhos relacionados com a questão de raça e que inicialmente eram apresentados apenas por estudiosos, desde as duas últimas reuniões têm contado, cada vez mais, com a atuação de elementos de nossa comunidade.

Nas sessões dos dias 11 e 12 de

julho, esses trabalhos foram distribuídos em dois simpósios e uma mesa-redonda. No dia 11, coordenado pelo sociólogo Eduardo de Oliveira Oliveira, participaram a advogada Orlanda Campos, o senador Nelson Carneiro, a profa. Maria Beatriz do Nascimento e o arquiteto Raimundo Rodrigues Filho. O coordenador em sua exposição afirmou que «já é tempo de conhecer que papel os negros representam na sociedade brasileira e quais são suas perspectivas». E que também «é preciso questionar a atitude da sociedade brasileira diante do negro e do que foi feito dele».

O arquiteto Raimundo Rodrigues Filho, desenvolveu o tema **O negro e a habitação urbana no Brasil** mostrando como após a abolição a parcela negra, cresceu menos que a branca. Relacionou

diversos fatores que influíram nessa redução da população negra, entre os quais estão as precárias condições de vida, pois, «foi no espaço urbano que a marginalização do negro adquiriu contornos bem definidos, com a presença maciça desse grupo racial nos bairros da periferia, nas favelas em toda aglomeração onde predomina a falta de infra-estrutura urbana, isto é, rede de água e esgotos, assistência médica, etc». E concluiu afirmando que «É de supor que a participação do negro na composição populacional de uma cidade como São Paulo continua a refletir-se no sistema sócio-econômico e político em condições desfavoráveis para nós já que, em proporção, somos os mais desempregados, os analfabetos, os mais pobres, os marginalizados e assim por diante».

Continua na pág. 8

GRUPO DO FERREIRA APRESENTA

Danças Folclóricas

No dia 16 deste mês o Grupo Popular de Ferreira, sob a direção de Marlene, estará apresentando, no Centro de Cultura e Arte Negra, na Rua Maria José, Bela Vista, uma série de danças folclóricas.

No dia 30, o Grupo encenará no bairro de Ferreira, rua Luis de Araujo Faria, 115 - bairro Ferreira, o Bumba-Meu-Boi, dança dramática do folclore nordestino.

Eleições 78

Qual a melhor maneira de utilizarmos nosso voto? Para isto, é preciso entender o que significa voto, qual é a dos candidatos e partidos políticos.

Historicamente os partidos políticos no Brasil não apresentam grandes diferenças de pensamento ideológico, isto é, os mesmos princípios burgueses se reproduzem em quase todos as agremiações partidárias e deixando de fora os interesses básicos da grande massa onde nos localizamos. Historicamente as diferenças partidárias estiveram mais em função dos grupos de interesses que eles representavam. Os principais grupos de interesses eram de: fazendeiros, industriais, comerciantes e grupos estrangeiros. Todos esses grupos procuram colo-

car o maior número possível de candidatos sendo estes encarregados de «puxar a brasa para a sardinha» do seu dono. Sim, dono, porque o grupo de interesses fica dono do seu candidato.

Dai, eleger candidatos é garantir sucessos nos negócios, portanto o «voto vale dinheiro e pode ser comercializado». Aos grupos interessa o maior número de votos possíveis, não importando de onde ele venha. Nesta oportunidade o voto não tem cor.

No passado o nosso voto era «aquecido» pelos candidatos brancos através de um cabo eleitoral preto que se incumbia de apresentar o «doutor fulano de tal» à comunidade. Existiu até o ditado: «Negro na política é cabo eleitoral».

Com o passar do tempo alguns setores perceberam o grande poder de voto

da comunidade negra e começaram a aparecer negros candidatando-se a diversos cargos. Alguns foram eleitos, porém, movidos mais por oportunismo e vaidade pessoal se acomodaram na função de apenas um boneco preto, desligado das necessidades comunitárias e acabaram trabalhando mais em favor de grupos de interesses alheios ao nosso meio.

Minha mãe falava: «Se preto ou branco nada vão fazer, votamos em pretos. Assim prestigiamos os patricios».

Raciocínio perigoso, pois o dito patricio pode estar travando o nosso progresso.

Com o peso de 400 anos de escravidão que temos nas costas não podemos desperdiçar a grande força que são nossos votos elegendo mais «bonecos».

Para que consigamos a força política necessária para melhorarmos as condições de vida da comunidade precisamos votar conscientemente, isto é apoiando aqueles que candidatos levem programas de ação realmente baseados nas necessidades da comunidade. Para tanto precisamos nos reunir (seja em Associações, Escolas de Samba, etc) e tirarmos programas em conjunto.

Unidos e Organizados politicamente poderemos eleger em S. Paulo, não um ou dois candidatos, mas uns 10 ou 12 em cada eleição. Chega de negros candidatos, queremos candidatos negros.

Senão continuará o velho esquema: nosso voto sendo comprado com sorrisos, tapinhas nas costas, cartinhas e promessas vazias.

ASSINATURAS

Para você ser assinante de JORNEIRO basta preencher o cupom abaixo e repor vale postal (em qualquer agência dos Correios) o valor da assinatura em nome da FEABESP, caixa postal 13.320.CEP 01000 São Paulo, S.P.

NOME

ENDEREÇO

CEP

Preço da assinatura: Cr\$ 60,00 por 12 números (incluídas despesas do Correio. Você receberá um exemplar grátis).

EXPEDIENTE

JORNEIRO — órgão de divulgação da Federação das Entidades Afro-Brasileiras do Estado de São Paulo.

Redação: Francisco Carlos dos Santos (Tato), Francisco Marcos Dias, Jamu Minka, Leonardo Ferreira. Colaboradores: Henrique Cunha, José Carlos Gomes dos Santos, Cláudio, Vera Lucia de Oliveira, Marizilda. Correspondentes: Luiz Silva (Santos), Luiz Serafim (Orlandia). Fotografia: Luis Paulo P. Lima e Mensah Gamba. Ilustrações: Jacques Felix Trindade. Produção e Diagramação: Ubirajara Motta. Diretor responsável: Odacir de Mattos. Redação e Administração: Rua Maria José 450. São Paulo. Composto e impresso nas Oficinas dos Diários Associados — Rua Sete de Abril, 230 1º andar. Órgão de circulação interno da FEABESP. Registro em andamento. Correspondência: Caixa Postal 13.320 CEP 01000 — São Paulo — SP. Sucursal de Campinas — Rua Sales de Oliveira, 2375, V. Teixeira. Jonatatas Conceição da Silva (diretor), Jonas, Marlene Nascimento, Reginaldo Bispo Pereira.

O PARLAMENTAR E A COMUNIDADE

A Feabesp — Federação das Entidades Afro-brasileiras do Estado de São Paulo realizou, em São Paulo, a 6 de agosto passado, com a colaboração da Escola de Samba Paulistano da Glória, uma reunião com os parlamentares e candidatos negros a cargos políticos nas eleições de novembro próximo. A finalidade do encontro foi promover um debate entre a Comunidade e seus representantes e candidatos, ocasião em que poderiam expor o que fizeram e o que pretendem fazer com e para a Comunidade.

Dos dez candidatos convidados apenas três compareceram: Hélio Santos, candidato a Deputado Estadual-MDB; Milton Santos, a Deputado Federal-MDB e vereador Paulo Rui de Oliveira, a Deputado Federal-MDB. Também compareceram Nair Vasconcelos, representando Oscarlino Marçal, candidato a Dep. Est.-MDB e João Batista de Araújo representando a Deputada Theodosina R. Ribeiro. Justificaram a ausência, devido a compromissos já assumidos, o Deputado Adalberto Camargo e Benedito Marcio de Souza, candidato a Deputado Federal-MDB.

Apesar da ausência da maioria dos candidatos, a validade da iniciativa ficou patente através de uma platéia que superou as expectativas das importantes questões levantadas e, sobretudo, pelo interesse em participar demonstrado pelos presentes. São os sinais de um novo tempo. Tempo de exigir, de participar, tempo de falarmos por nós mesmos.

Hélio Santos

«Antes de tudo acho que o parlamentar negro deve ser uma mera ferramenta de trabalho a serviço da comunidade, nada além disso. Acho que a política é o caminho básico para que o negro possa participar efetivamente da vida nacional. Há outros caminhos, mas o básico é a política».

Hélio explica que, abertamente, política é democracia, debate, mas a portas fechadas, torna-se um balcão de negócios. Por exemplo, essa briga entre Natel e Maluf para o governo do Estado é, na verdade, um jogo de interesses, de grupos que estão por trás de cada um deles. Então, quanto a nós que interessa é nos organizarmos politicamente de forma que quem quiser ser presidente neste país, antes tenha que fechar a porta e conversar conosco. Mas, hoje, que tipo de barganha podemos fazer? Nossa força eleitoral dá condições de formarmos um corpo político negro a nível nacional, e um primeiro passo, seria contatar em cada Estado um grupo disposto a essa luta. Por exemplo, a Bahia, com 80% de população negra nunca elegeu um prefeito negro, por quê? Porque não nos organizamos politicamente. E nós votamos. Logo, o que falta é transformar nosso poder de voto em cargos. Poderiam perguntar: será que ter apenas dois ou três ministros negros resolve? Não, pois temos milhões de subempregados, milhões de favelados, mas o caminho para mudar é nós participarmos. E a participação do negro deve ocorrer em todos os níveis.

Paulo Rui de Oliveira

Atua na vida pública desde 1972 quando concorrendo a vereador na Capital, conseguiu a 4ª suplência. Em nova eleição chegou a 6ª suplência e, atualmente, está no exercício do mandato graças ao rodízio que a Câmara faz entre os suplentes. Como resultado de sua ação destaca: implantação da zona azul para o universitário na capital, projeto de ruas de lazer e linhas de ônibus executivos, projeto de curso para treinamento para motoristas de ônibus, organização de várias exposições de pintura como o salão de verão, o salão das mulheres. Atualmente trabalha em três projetos: o problema do menor negro abandonado, a produção de um programa de TV e o título de cidadã paulistano a ser oferecido a Grande Otelo. Paulo Rui tem procurado sensibilizar as famílias negras para que adotem uma criança já que entre os menores abandonado 86% são negros e geralmente só as crianças brancas são encaminhadas. Quanto à TV, explicou que



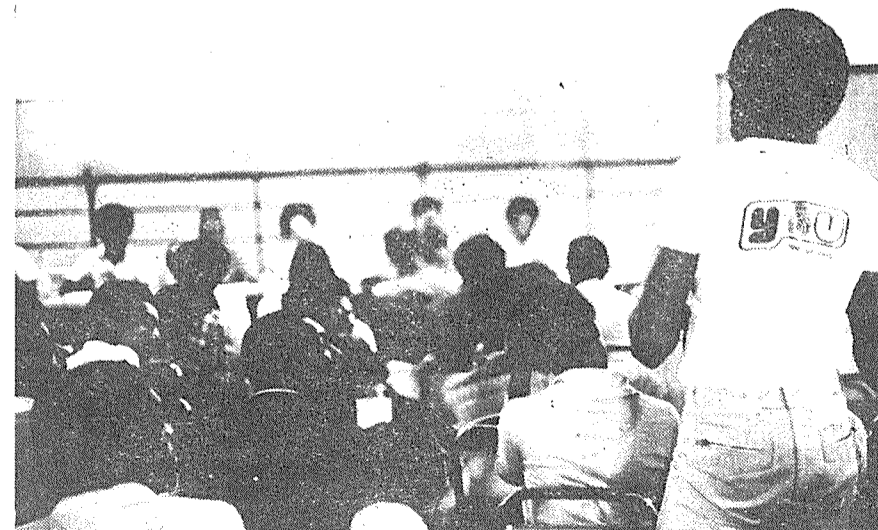
João Batista de Araújo, representando a deputada Theodosina Ribeiro e dona Nair Vasconcelos, representante do candidato a deputado estadual Oscarlino Marçal



Vereador
Paulo Rui de Oliveira
CANDIDATO
A DEPUTADO FEDERAL



Hélio Santos, candidato
a deputado estadual e
Milton Santos,
candidato a deputado federal



«teve o beneplácito de uma emissora e irá produzir, em rede nacional, um programa destinado a nossa gente nos moldes dos programas das colônias japonesa, portuguesa, judaica, etc». Do título a ser dado ao Otelo justificou como «primeira homenagem a um homem nosso e haverá um show cujos fundos serão aplicados na compra de um imóvel a ser utilizados por Otelo enquanto ele viver e que, posteriormente, será vinculado à Secretaria de Cultura do Município podendo ser transformado em museu, casa da cultura, casa do negro ou qualquer outra finalidade que a comunidade negra decidir».

Milton Santos

Tem como preocupação básica fazer o negro participar da vida partidária. Atua politicamente desde 1972 e antes de um trabalho eleitoral já se preocupava com o trabalho político-partidário tendo formado em Vila Brasilândia um grupo de atuação política e que é hoje o diretório do MDB na região. Milton ressalta que «a importância deste diretório é que seus integrantes são elementos negros que estão militando não só no sentido de cavar votos, mas também de trabalhar na estrutura do partido com possibilidade de influir nas eleições internas do partido, as convenções, que realmente decidem e têm o poder de indicar os candidatos».

Quanto à participação do negro em cargos de decisão em Secretarias e Ministérios de nada vai nos adiantar ficarmos nos queixando de que tal comunidade, a japonesa por exemplo, que representa menos de 1% da população tem um ministro. Essa conquista surgiu da estrutura política que eles desenvolveram. Nós não temos a nossa e pagamos por isso. Precisamos alterar, com urgência, essa situação.

O que cada candidato poderá fazer nas áreas de saneamento básico (água e esgoto), educação, saúde pública?

PAULO RUI — A distribuição de recursos para as áreas mais carentes que é onde nós habitamos é feita pela Secretaria das Administrações Regionais. Acho válida a idéia de uma comissão técnica integrada por membros da comunidade para assessorar os parlamentares, conforme proposta do grupo de São Carlos. É fundamental um planejamento das nossas necessidades para orientar nossas conquistas.

HÉLIO SANTOS — Saneamento básico é um problema seríssimo no Brasil. Na capital Paulista, por exemplo, 2/3 da população, a maioria, não possui água encanada nem esgoto. E não há dúvida de quem mais sofre essa necessidade somos nós, os negros. Quanto à educação acho que todo político nosso deve repudiar o ensino pago, apesar do ensino gratuito poucos nos beneficiar pois, o processo de seleção é elitista e contra nós. Quanto ao ensino em termos de comunidade eu me preocupo mais com o ensino profissionalizante que atenderá mais imediatamente as necessidades de nossa gente e é acessível àqueles que têm apenas o curso primário. Como garantia de que tais cursos sirvam à comunidade é importante a localização. Instalados na periferia onde nossa gente se concentra esse benefício estará garantido. É claro que esses cursos não poderão ser reservados só aos negros, mas à medida que haja um curso desse numa favela não tenham dúvida de que a maioria dos alunos serão negros.

MILTON SANTOS: Esses problemas de saneamento básico fogem da área de atuação de um deputado federal e devem ser tratados a nível de comunidade. Então, nossa preocupação é de lançar nossos candidatos a vereador para que eles encaminhem a solução das questões que afetam um bairro negro. Quanto à educação, nossa atuação será feita inclusive a partir da Comissão de Educação da Câmara Federal. Será importante que a comunidade negra esteja organizada para que possamos desenvolver um trabalho com bolsas de estudo.

2ª PARTE

HARLEM

O Harlem, contrastando com o resto de Nova York, é um aglomerado com cerca de 800 mil habitantes negros, comprimidos como sardinhas em lata. É um dos bairros que apresenta maiores problemas com condução onde os meios de recreação são reduzidos em relação à população. Mas é um dos lugares com maior número de igrejas e com forte espírito de solidariedade.

Junto a casas miseráveis erguem-se excelentes moradias, pois, no Harlem também existem alguns negros ricos facilmente identificáveis pelas roupas extravagantes e coloridas, talvez num desejo inconsciente de chamar a atenção e mostrar que venceram na vida.

Eles andam em vistosos cadillacs e não dispensam os sapatos brancos, as abotoaduras ofuscantes e os anéis. Não é sem motivo que, no Harlem, os vendedores

de carros de luxo faturam. Os aluguéis no bairro são caríssimos. Os donos de prédios e residências se aproveitam do fato de que nenhum outro lugar de Nova York os negros são bem aceitos como inquilinos para cobrarem alto, muitas vezes levando metade do salário deles. Por isso, também aí a vida não é fácil. Devido ao problema com moradias, surgiu um lucrativo negócio de alugar camas e não quartos. Cada cama era usada por três pessoas num só dia, cada uma com 8 horas para dormir. O sistema foi batizado de «camas quentes», porque nem bem um negro se levantara, já era vez de outro deitar-se.

Os Caminhos Triunfais

Embora a Universidade seja um dos modos de sair do ghetto, há sobretudo dois caminhos para o sucesso transfigurador: pelas proezas atléticas ou pelo talento artístico.

SHOW BUSINESS, O MÁGICO

Para muitos o primeiro raio de luz vem com a possibilidade de se distinguirem em qualquer forma de esporte. É importante não subestimar o poder do exemplo fornecido por Willie Mays ou Muhammad Ali. Hoje em dia, cada vez em maior número, os atletas negros mais representativos vão ao Harlem, encorajar, animar e estimular os outros. Os artistas da música e do palco influenciam a juventude tão fortemente como os atletas.

No palco do Apollo Theatre, assombrado por fantasmas, está em cartaz o cantor James Brown, o irmão da soul music número um. Animando-os e exortando-os, dá pulos, empertigado, desliza faz piruletas, improvisa um bailado infernal, e grita, grita, grita levando a um frenesi delirante, como que hipnotizado pela bateria em conjunto com um coro estridente de saxofones. Agora uma paixão incontrolável o domina.

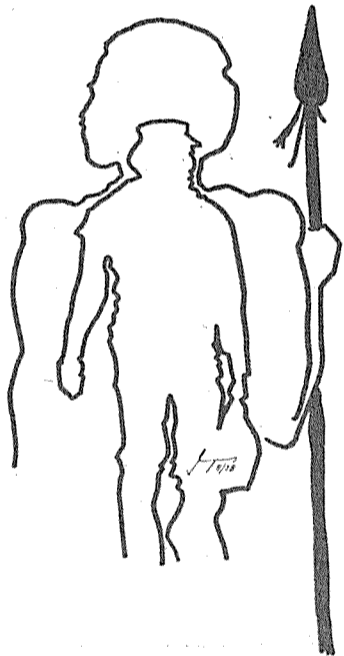
Deitado de lado, brada: Devo gritar? «Sim! Grita alma grita!», respondemos, aliviando-o e libertando a nós mesmos. Todos estamos sofrendo com ele. Sua necessidade era a nossa, assim como a nossa era a dele. Compreendemo-nos mutuamente. James Brown, alma irmã.

A autenticidade é o mais íntimo segredo da mística da vida do Harlem; pecado imperdoável ali, é ser charlatão. Podemos ser tudo quanto quisermos, desde que o sejamos «de verdade». O bizarro, o grotesco, o estranho, o exótico, o sórdido, o fantástico, o monstruoso, o belo, o sublime — tudo tem seu lugar no Harlem. E há mais: além, da revigorante e tradicional experiência de ser negro numa cultura hostil, é uma reação instintiva que mostra num relâmpago o verdadeiro e o falso.

Muitos líderes negros saíram do Harlem, como os poetas e os escritores Langston Hughes, Richard Wright,



NÓS E A AFRICA



A África foi uma das principais fontes de desumano comércio de seres humanos que possibilitou à Europa colonialista enriquecer-se e tornar-se desenvolvida. Da África não apenas sequestraram seus filhos que foram sofrer a

escravidão e o racismo que os europeus espalharam por toda a América, como também em seu próprio solo, a África sofreu a invasão do europeu, o roubo de suas riquezas e do trabalho de seus habitantes.

Nos quinhentos anos de colonialismo e racismo que temos enfrentados desde que fomos arrancados do solo africano para trabalhar na América, certamente, surgiram diferenças entre nós e os que ficaram na África. Mas apesar do tempo e do espaço nossas semelhanças são muito fortes; além disso, é lá o começo de nossa história. Pois foi de lá que trouxemos o ritmo que aqui se transformou no samba. Foi de lá que trouxemos o misticismo e a religiosidade que aqui transformaram-se em umbanda, kimbanda, candomblé. O espírito jocoso, brincalhão, o gosto pelo bom tempero, o gingado do corpo, o balanço pra dançar, tudo isto nós temos porque somos negros, porque estamos ligados pelos nossos antepassados a Mãe-Africa.

Por isso as transformações que produzem novas condições de vida no continente-mãe têm especial significado para nós descendentes de africanos espalhados pelas Américas. Portanto, é indispensável aproveitarmos os ensinamentos positivos da libertação africana para que aprendamos a trabalhar melhor nossas necessidades aqui e agora.

QUILOMBOLAS E ÍNDIOS?

Uma equipe de arqueólogos da Universidade Federal de Minas Gerais descobriu no Vale do Jequitinhonha, na Região do Cipó, a 150 Km de Belo Horizonte, vestígios de um quilombo, constituído por um conjunto de habitações subterrâneas. Os cientistas mineiros vêm desenvolvendo estudos, a partir dessa descoberta, na tentativa de estabelecer a intensidade das ligações entre negros dos quilombos e indígenas brasileiros, uma vez que as habitações que encon-

traram são muito semelhante às recentemente descobertas no Sul e que se acredita serem de índios.

No quilombo subterrâneo os arqueólogos encontraram um grande número de pinturas feitas pelos quilombolas, batalhas, danças e navios negreiros. Foram encontrados também fragmentos de vasilhas de pedra, barro cozido e ferro. Segundo os arqueólogos, existe ainda na região muitas pessoas que falam idiomas africanos.

Nome, origem, raízes...

Uma das coisas mais importantes para um indivíduo é seu próprio nome, pois, é ele que nos distingue dos demais. Pronunciando com raiva por quem nos odeia ou docemente pelas pessoas queridas é sempre por ele que nos identificamos. Infelizmente, durante muito tempo vivemos alienados de nossas origens, afastados dos valores de nossos antepassados. Então, como todo povo dominado, fomos obrigados a substituir nossos valores pelos do dominador. Para nós arrancados de África e espalhados pela América foi uma violência que atingiu todos os setores de nossa vida, penetrou nossa mente e confundiu nosso espírito, interrompeu nossa criatividade e deturpou nossas manifestações nas artes, na religião, nos costumes. E até nos nomes, pois passamos a nos identificar como pessoas de acordo com os padrões europeus. Assim, chegamos a situação atual em que só tem negros com nomes ou sobrenome português, espanhol, inglês e por aí fora que vieram substituir os nomes de nossos ancestrais trocados pelos senhores de escravos na intenção de nos fazer esquecer tudo o que se referia à mãe-Africa. Alguns escravos relutavam em aceitar a imposição desses nomes ocidentais, mas com o passar do tempo foi impossível evitar que os nomes africanos, assim como a maioria de nossos costumes fossem se perdendo até serem completamente esquecidos.

Os nomes africanos são muito bonitos e cheios de significados profundos. Entre algumas tribos africanas o nome da pessoa é tão importante que ela é a primeira a conhecê-lo, antes mesmo da própria mãe, pois entendem que a pessoa deve ser a primeira a saber quem é. Quando o bebê nasce, o pai tem uma semana de prazo para escolher um nome para ele. No oitavo dia há uma grande festa onde todos os membros da tribo são convidados e é quando a criança irá se tornar membro da mesma. A cerimônia de batismo consta de diversos rituais realizados pelo alimano (sacerdote da tribo), após os quais o pai pega a criança



Inferno ou Paraíso?

James Baldwin e Ralph Ellison e os artistas Sidney Poitier, Harry Belafonte e Sammy Davis Jr. Os movimentos e os líderes negros também nasceram no Harlem, em 1920, Marcus Garvey lidera o movimento nacionalista negro «Back to África» e Malcolm X é considerado um dos mais importantes defensores da igualdade do negro nos EUA.

Se há uma força de coesão no Harlem, é a igreja. Embora fragmentada em numerosas denominações e seitas, é ela que consolida a vida da comunidade. É acima de tudo a igreja que a comunidade recorre em busca de solução para seus problemas, tanto particulares como públicos. Não é raro que a igreja do Harlem se veja chamada a tomar iniciativas políticas, sociais e econômicas.

O Dr. M. Moran Weston, pastor da Igreja Episcopal de São Felipe, declara:

«O Harlem não pode ficar isolado, como se seus problemas fossem algo único e sem paralelo com qualquer fenômeno semelhante no resto da sociedade nacional e mundial. Num contexto mais visível, o Harlem é apenas um caso extremo do que está errado na sociedade em geral».

Dir-nos-á o Dr. Weston, e o mesmo farão outras pessoas ponderadas, que a solução dos males do Harlem se encontra na educação e liderança; mas no Harlem há gente dedicada, com possibilidade de fazer modificar as coisas para melhor: são os seus próprios habitantes, com sua insaciável ânsia de viver, seu constante poder de adaptação, seu insuperável bom humor.

A vida no Harlem é uma perpétua revelação, sobretudo na morte. Há pouco tempo, houve um funeral de uma mulher que devido à escravidão, usava um dos grandes nomes do Sul dos Esta-

dos Unidos. Devia ter talvez uns 60 anos; nascida no estado de Alabama, imigrou para Nova York, e era mãe de vários filhos. Antes de morrer, trabalhava como auxiliar numa escola da comunidade no Harlem.

Um ou dois anos antes, tinha-se formado no ginásio e havia sido admitida numa das faculdades da cidade. Ali iniciou um curso para bacharel-se em artes e pretendendo chegar ao doutorado.

Sauda-a porque a persistência dela encarnava o espírito indomável do Harlem. No meio da pobreza e da hostilidade de uma sociedade discriminatória ela sustentou suas próprias esperanças e a de seus filhos.

Ela lutou, sorriu e dançou. E o próprio Harlem ainda faz assim, pois, por pior que as coisas estejam há sempre força de vontade.



vanta-a e sussura três vezes ao seu ouvido o nome escolhido. A mãe é a segunda a conhecer o nome e só depois disso é que anunciam aos demais. Ai então é contada a história de todos os antepassados da criança. Após esse dia de festa é completado o ritual de indicação do nome quando à noite o bebê é levado pelo pai a um lugar isolado onde é erguido com o rosto virado para o céu e o pai lhe diz que aquele céu é a única coisa maior que ela. O nome escolhido com tanto carinho tem um sentido, algo que o ligue aos seus antepassados que ele tenha orgulho e se preocupe em honrá-lo.

Nos já não podemos trocar de nome, mas pelo menos poderemos dar aos nossos filhos nomes que falem de nossa gente, que crie elos entre nós. Não podemos deixar perder o pouco que ainda nos resta de nossa raça que é tão bonita e tem encantos que só nós mesmos sentimos.

Publicamos agora alguns nomes africanos com seu significado e pronúncia. Escolha um para seu filho. Assim quando ele/ela puder entender explique o que quer dizer e porque você o escolheu. É importante para uma criança saber de onde vem. Ela vai se sentir orgulhosa de saber que também tem raízes.

NOMES AFRICANOS

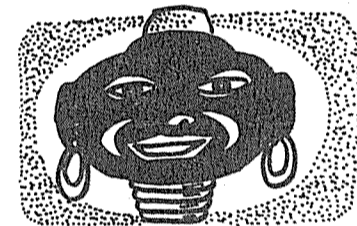
NOMES FEMININOS

NOME	PRONÚNCIA	SIGNIFICADO	IDIOMA — REGIÃO
BAYOMI	(abaiomi)	encontro feliz (Yorubá - Nigéria)	
ISHA	(aixá)	vida (Swahili - E. África)	
KILAH	(aquila)	inteligente, aquela que tem razão (árabe - N. África)	
KILI	(aquili)	compreensão	
UNMI	(boonmi)	meu presente (Yorubá - Nigéria)	
ARA	(dara)	a mais bela	
SI	(isi)	que nasceu no domingo (Fante - Ghana)	
AYOLA	(faiola)	grande fortuna ganha com honra (Yorubá - Nigéria)	
OLAYAN	(folaian)	que anda com dignidade (Yorubá - Nigéria)	
AMILA	(djamila)	beleza (Swahili - E. África)	
INDA	(quinda)	jovem mulher bela	
ULANI	(tulani)	paz	

NOMES MASCULINOS

NOME	PRONÚNCIA	SIGNIFICADO	(IDIOMA - REGIÃO)
DDAE	(adaê)	sol nascente (Akani - Ghana)	
OLUKE	(foluqui)	que está nas mãos de Deus (Yorubá - Nigéria)	
ODARI	(rodari)	dignidade (Swahili - E. África)	
USANI	(rossani)	homem belo (Swahili - África)	
AHI	(djai)	dignidade (Swahili - África)	
UMAANE	(djumani)	que nasceu na terça-feira (Swahili - África)	
AMAU	(camao)	sossego do guerreiro (Kikuyo - Kenya)	
IZZA	(quiza)	o segundo que nasce (gemeos) (Luganda - Luanda)	
WAME	(cuame)	que nasceu no sábado (Akem - Ghana)	
UGONO	(lugono)	esperto (Ngoni - Malawi)	
IAZI	(meisi)	senhor (Ibó - Nigéria)	
IUSLIM	(mooslim)	em quem se pode acreditar (Arabe - N. África)	
ASSOR	(nassor)	vitorioso (Swahili - Tanzânia)	
URU	(nurú)	nascido num dia de luz (Swahili - E. África)	
SEI	(ozei)	nobre (Fante - Ghana)	
AWO	(taió)	o primeiro que nasce (gemeos) (Horubá - Nigéria)	

PRETO FEIO



Que o racismo existe todos nós sabemos. Mas como é proibido por lei aqui no Brasil, o preconceito se oficializa e, em geral, se manifesta «por baixo do pano».

«Não há mais vagas», «todos os lugares já foram preenchidos», «precisa-se de pessoas de boa aparência», sempre arrumam uma desculpa esfarrapada qualquer. Veja as propagandas — dificilmente mostram o negro e quando o fazem nós somos os faxineiros, criados, ladrões, sambistas, doentes, «peões», os carentes de merenda escolar. Sempre nos colocam como incapazes, ruins, marginais, feios, bêbados, porcos, como diz o ditado — «negro quando não c... na entrada, c... na saída».

Estas idéias negativas sobre nós são repetidas todos os dias, mil vezes, pela televisão, cinema, jornal, ditados, músicas, «amigos» nossos, e mostram seu efeito, quando vamos fazer um trabalho sério para nós mesmos. Como repisam nesta lavagem cerebral que somos **dispersos, vagabundos, superficiais**, na hora que vamos agir de modo contrário a estas idéias, elas atuam no inconsciente atrapalhando tudo. Seríamos como alguém muito fraco e doente que quer levantar-se e não consegue — o corpo não ajuda. No nosso caso também queremos levantar, mas a **cabeça não ajuda**, pois colocaram e colocam tanta minhoca em nossa cabeça, que elas acabam fazendo estrago. Daí, que quando vamos nos organizar, estudar, elaborar temos mais dificuldade.

A coisa é séria, porque depois falam que «o negro não progride porque não quer», «que todos temos os mesmos direitos» e nós mesmos nos vemos marcando passo há muito tempo.

Este processo de destruição mental do negro, começa já na infância. Preste atenção nesta inocente música de ninar que ouvimos desde pequeninhos:

Boi, boi, boi.
Boi da cara **preta**
Pega esta criança
Que tem medo de **careta**
Porque associaram cara **preta** com **careta**?

Veja agora esta mesma música um pouco mudada e que está sendo tocada nas rádios:

Boi, boi, boi
Boi da cara **branca**
Guarda esta criança
Guarda esta **criança**.

Será que foi por acaso que se rimou o negro com o que é negativo e o branco com o que é positivo?

Será que foi por acaso que o negro foi associado ao feio, ao raptor enquanto o branco a criança, ao protetor?

Observando, vemos que sempre reforçam o ruim ao negro e — o bom ao branco.

Não esta na hora de fazemos alguma coisa?

Esta coisa seria evitar de dizer estes ditados e de cantar estas músicas que associam o negro ao inferior? Seria discutir isto com os nossos irmãos? Seria mudar estes ditados e músicas, como por exemplo, quando a «situação estiver mal» ao invés de dizermos «a situação tá preta» dizermos «a situação tá branca»?

Fazer alguma coisa seria também cantar como imaginou um dos nossos irmãos — o cantor e compositor Totó —

Boi, boi, boi
Boi da cara **branca**
Pega esta criança
Que tem medo de **carranca**.

Pensem sobre isto e façam algum coisa. Já é tempo.

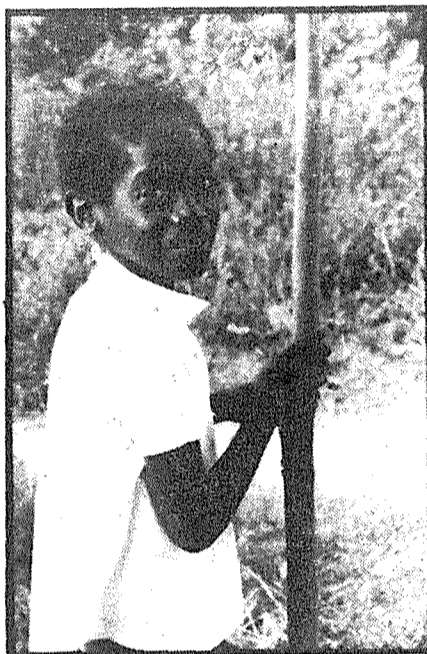
“Oturi é vavuru do nhamenhara, cuenda quinamba”

(Esta terra é minha, vá embora daqui)

Esta frase deve ter sido por muito tempo pronunciada pela gente do Cafundó como reação contra os grileiros que há mais de um século invadem suas terras. Mas somente palavras não bastam diante dos que através do roubo pretendem ampliar seu império do poder. Por isso os habitantes do Cafundó, depois de humilhações seculares, acabaram reagindo na defesa de suas terras que inicialmente contavam 80 alqueires e que hoje, depois de sucessivas grilagens, estão reduzidas aos míseros 8 alqueires.

Cafundó é uma comunidade agrícola negra de 71 pessoas que habitam uns doze casebres de pau-a-pique, situada nas proximidades de Sorocaba, no município de Salto de Pirapora. Além dos casebres há na aldeia uma capelinha cheia de imagens, entre elas 5 ou 6 estátuas de N. Sra. Aparecida. A propriedade surgiu de «doação» feita por Antonio de Almeida, dono da Fazenda do Pilar a seus escravos no distante 1866, 22 anos antes da abolição. Mas esta «doação» não foi bondade de escravagista e na verdade tinha como objetivo assegurar mão-de-obra por várias gerações e se acontecesse a abolição a produção na fazenda não seria interrompida. As condições da «doação» proibia os escravos homens de casarem com mulheres de fora e estabelecia que em nenhuma época, poderiam negociar com as terras.

A «descoberta» de Cafundó começou em março passado com uma reportagem de um jornal de Sorocaba e, através dos professores Peter Fry, Carlos Vogt e Maurizio Gnerre, da Unicamp, ganhando então grande repercussão em todos os meios de comunicação. A ida dos cientistas para a localidade foi devida ao dialeto africano usado em Cafundó, ao que parece remanescente da língua quimbundo falada em Angola. No local,



os professores de Campinas tiveram conhecimento do problema da terra que vem envolvendo e prejudicando a comunidade. Inclusive uma das herdeiras, Maria Augusta teve um filho assassinado por Benedito de Souza em Caxambu outra comunidade, está já destruída pelo processo de desalojamento.

Em meados de julho passado, o mesmo homem que cometera o crime citado, Benedito de Souza, e outros oito capangas a mando de Fuad Elias Marun, fazendeiro na vizinhança, entraram em conflito com os cafundoenses, quando pretendiam instalar uma cerca em terras de Cafundó. A esta invasão, o líder da comunidade — Otávio Caetano, 60 anos, filho de Efigênia Maria das Dores, nascida escrava e que viveu 104 anos no local — argumentou: «Pode

passar a cerca até por cima da minha casa, mas precisa a ordem da Lei». Benedito voltou para Salto de Pirapora, onde teria conversado com Fuad e, regressou a Cafundó disposto a colocar a cerca. Com isso provocou e depois de disparar contra os moradores foi mortalmente ferido com um golpe de foice. Essa foi a primeira vez em 122 anos que Cafundó se defendeu de arma na mão. Com a morte do capanga as ameaças de vingança têm sido constantes e a comunidade tem encontrado dificuldades para se conseguir proteção policial. A reação dos cafundoenses tem gerado pressões dos fazendeiros vizinhos que antes lhes davam trabalho, como boias-frias, e agora negam numa evidente finalidade de arruiná-los e forçá-los a vender o que resta de Cafundó.

Mas a Comunidade Negra, através de algumas entidades e do Movimento Negro contra a Discriminação Racial, está se mobilizando em apoio a Cafundó e o advogado do Movimento, Hugo Ferreira da Silva, atuando juntamente com a entidade 28 de Setembro, de Sorocaba, conseguiu que os dois cafundoenses acusados da morte do capanga de Fuad respondam o inquérito em liberdade. Outra entidade nossa que também se mobilizou foi a ACBB - Associação Cristã Brasileira de Beneficência, de São Paulo, que conseguiu alimentos, roupas, sapatos e camas para o pessoal de Cafundó que enfrenta sérias dificuldades.

Cafundó é importante para nós porque além da resistência cultural representada na linguagem africana até hoje mantida, indica também o fenômeno histórico de desalojamento da terra que atingiu os nossos antepassados. Neste sentido, Cafundó é parte de nossa história, é exemplo do tipo de exploração coletiva que já ocorreu o que, provavelmente, continua ocorrendo em outras localidades por este Brasil afora.

Dois poemas contra o branqueamento

A África esta lá e o Brasil aqui, tá certo. Mas essa de dizer que negro de lá não tem nada a ver com negro daqui não aguenta análise nem de leve. Por exemplo, o racismo que ainda anda por lá existe por aqui também. Diferente? Claro, o daqui é camuflado, embora às vezes fique pelado. Anda por aí dando tapa no escuro. E quando entra na gente e se transforma em complexo e conformismo é que é duro. Mas os poetas estão aí, denunciando, exorcizando a branquice diabólica, refazendo a mente. Marcelo Veiga, africano da Ilha do Príncipe e Jamu Minka, afro-brasileiro que vive em São Paulo. Dois poemas, dois momentos comuns à muita gente e que mostram o acanhamento (resultado do racismo engolido) e a recuperação da consciência negra.

É VERGONHA OU O QUÊ?

Quando vês teu irmão preto,
— É vergonha ou o quê? —
Tu toda te atrapalhas,
Baixas o olhar inquieto,
Os próprios passos baralhas
Nu zig' zaguear demodê...

Que te fez a tua raça?
Que te fez a tua cor?
Vês a branca com mais graça
E a preta mais feia, ou pior?
A culpa é de Deus só!

Se é isso que te faz dó
Ata uma pedra ao pescoço
E afoga-te a um poço...
A pele já não a mudas
Veio assim...
Não há pomadas, ajudas
Que lhe façam de marfim.

(Marcelo Veiga)

IDENTIDADE

Nasci de pais mestiços
Fui registrado como branco
Com o tempo a cor escura se fixou

Negro, negrinho
Você é negro sim!
A primeira ofensa,
Eu era negro sem saber

Adolescente, ainda recusava
minha origem
Aprendi ser o negro passivo,
inferior

Reagia,
Sendo esta raça assim
Não sou negro não!
Recusei a herança africana
Desejei a brancura!
Mais tarde soube
A inferioridade era um mito
A passividade uma mentira
O conhecimento trouxe
a consciência

Acertei minha negrice
Me assumi!
Encontrei uma bandeira
Negritude!
Identidade resgatada
Ser negro é importante
É se identificar com minhas raízes.

(Jamu Minka)

AGUARDEM!!! «Caderno Negro-Poesia» e «Território Negro», novela de Oswald de Camargo.



ELE

ELA

SALÃO DO CIDO
Maquilagem - Limpeza de
pele - Black Power
Você entra feio e sai bonito
Rua Aburá, 20-A - Fone
266-2918 - Casa Verde Alta
Praça Santíssima Trindade
SP

APARECIDA CREUZA DIAS

Advogada
Praça João Mendes, 42 —
8º andar — conjunto 82
Telefone: 37-8037 — São Paulo

Zimbabwe

Agora no Aliperti
— Água Funda



PAVIMENTAÇÃO,
CONSTRUÇÃO,
INDÚSTRIA
E COMÉRCIO

LTDA.

Rua Urbano Duarte, 508 —
1º andar Tel. 265-1738
Casa Verde — São Paulo

zumbi

mas como começou Palmares?

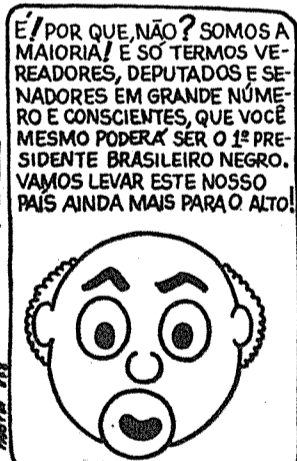
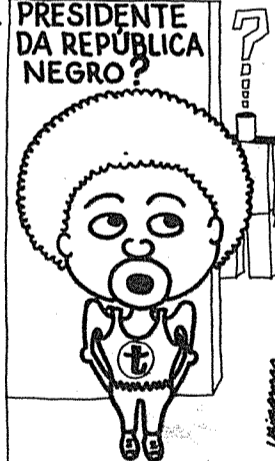
Começou, porque os negros que nunca aceitaram a escravidão, já fugiam para Palmares desde antes de 1600, mas que...



gagalé



"seu"



PATRÔ

Uma Entidade que se afirma

Nascido do idealismo e da união de dois grupos surgiu o Centro Social, Cultural, Recreativo e Beneficente «José do Patrocínio», a mais jovem e atuante entidade afro-brasileira de Ribeirão Preto -SP, localizada numa grande e arborizada área (14 mil m2) conseguida através de doação do poder público, conforme decreto-lei nº 3533/71.

Essa conquista materializou um



Em mutirão, os associados constroem a sede da José do Patrocínio

sonho da comunidade negra local e foi possível graças à iniciativa e liderança do professor Luis Augusto da Costa (já falecido) que, juntamente com seus colaboradores, conscientizou a comunidade das vantagens e direitos que ela teria em se organizar, ao mesmo tempo em que conscientizava a administração municipal comandada pelo Dr. Antonio D. Nogueira das necessidades recreativas e culturais da comunidade afro. Após a doação foi formada a 1ª diretoria do C. S. C. R. B. «José do Patrocínio» sendo eleito o Sr. Carlos Ferreira Souto. Além deste já presidiram a Entidade o capitão Paulo Francisco Ferreira, João Bento da Silva e, atualmente, Mario Pinto.

Durante todos esses anos o trabalho para a construção da sede tem sido

árido e tem mobilizado seus associados em diversos mutirões. Mas o quadro associativo ainda é pequeno e a maioria da comunidade ainda não foi alcançada por um trabalho de conscientização. As promoções do «Patrô» como é chamado pelos mais jovens, têm se concentrado mais na parte de lazer e recreação como Festas das Debutantes, Concursos Miss-Café, Bailes da Primavera, etc.

Felizmente, neste ano de 1978 a atividade cultural ganhou espaço na programação da Entidade através do Grupo Travessia que já realizou duas Noites de Arte Negra sendo a última apresentada a 26.8.78 e prestigiada com a presença de Entidades irmãs de São Carlos (Congada), Araraquara (Gana), Uberaba (Elite Clube) e São Paulo (Cecan e Jornegro).

